

Proletários de todos os países: UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

VIVA O 1º DE MAIO!

O 1º DE MAIO É UMA JORNADA DE LUTA DOS TRABALHADORES

O dia dos trabalhadores aproxima-se. Os trabalhadores portugueses irão comemorá-lo uma vez mais, transformando-o numa jornada de luta, de confraternização, de solidariedade e de festa.

O 1º de Maio—dia de luta

Nunca como agora foi mais violenta a ofensiva do capital monopolista e do fascismo contra os que trabalham. Em consequência da sua política colonialista, de guerra e de enfundamento aos imperialistas aumentaram e continuam a aumentar as rendas das casas, todos os géneros, os transportes, a electricidade e a assistência hospitalar; forjam-se para breve aumentos do pão, doutros transportes, da água. A melhoria nos salários, conquistada através de longas lutas dos trabalhadores, é anulada rapidamente pelo incessante aumento do custo de vida, pelo imposto de transacções e pelo próximo imposto de guerra. Os jovens trabalhadores vêem a sua promoção profissional entravada pelo patronato, meditam com inquietação nos encar-

gos que lhes acarretará a constituição de um lar e ainda são utilizados desde os 18 anos como carne de canhão pela nova lei militar, com vista a uma sangrenta e criminosa guerra colonial de defesa dos super-lucros dos monopólios. As mulheres trabalhadoras recebem por um mesmo trabalho salários inferiores aos homens e não sabem como alimentar os seus, como vestir os filhos e dar-lhes instrução. Mulheres, jovens, trabalhadores de todo o País, são todos vítimas do ambiente repressivo que o fascismo implantou.

O 1º de Maio deve ser encarado por todos como um dia de luta por aumento de salários e jornadas, contra a carestia da vida, contra a guerra colonial e contra a repressão.

O 1º de Maio—dia de confraternização

Tradicionalmente dia de festa por vontade dos trabalhadores, estes sempre encontram forma de exprimir a sua camaradagem em passeios, bailes, piqueniques e excursões. Também este ano os trabalhadores devem dar-se os braços e lembrar os que no 1º de Maio deram as suas vidas para que se fortalecesse a

unidade combativa dos trabalhadores, as gloriosas jornadas pela conquista das 8 horas de trabalho, as magníficas manifestações de rua realizadas noutros anos. A todos recordarão com confiança própria de quem constrói o mundo feliz de amanhã.

O 1º de Maio—dia de solidariedade

Os trabalhadores portugueses são um destacamento do grande exército mundial do trabalho, do grande movimento dos trabalhadores que sempre se tem solidarizado com as lutas dos trabalhadores de Portugal. Explorados pelo capitalismo e imperialismo, os trabalhadores portugueses devem dar as mãos a todos os

explorados da Terra, ser solidários activos com os povos das colónias portuguesas que se batem contra a opressão colonialista, prestar uma firme solidariedade ao heróico povo do Vietnam, em luta contra a bárbara agressão do imperialismo norte-americano.

Trabalhadores da cidade, do campo e do mar!

Homens, Mulheres e Jovens!

O 1º de Maio é nosso! Comemoremo-lo confraternizando e lutando pelas nossas reivindicações por aumento geral de salários, com escala móvel, contra a carestia da vida.

Neste ano de 1967, recordemos os trabalhadores russos que em 1917 derrubaram o poder dos capitalis-

tas e grandes agrários criando no mundo o primeiro Estado de operários e camponeses, a grande e gloriosa União Soviética! Saudemos neste 1º de Maio o proletariado soviético e os trabalhadores de todos os países socialistas que depois dele e com o exemplo dele ergueram o poderoso campo socialista, defensor da liberdade dos povos e da paz mundial.

Levantemos por toda a parte e por todos os meios as nossas reivindicações

Metalúrgicos, portuários, pescadores! Corticeiros, têxteis, motoristas! Conserveiros, mineiros! Trabalhadores do campo! Empregados! Operários e trabalhadores que durante os últimos meses lutastes por aumento de salários, por contratos colectivos, contra a guerra e os impostos, contra a repressão e as medidas de segurança, contra os castigos e os roubos patronais, contra os atentados ao horário das 8 horas, contra a fome! Fazei no 1º de Maio o balanço dessas vossas lutas e das perspectivas que elas vos abriram. Retirai a lição das vossas vitórias como dos vossos insucessos. E agi!

Em cada empresa, herdade ou porto, centro industrial ou de concentração do operariado agrícola, em cada Sindicato, Casa do Povo ou de Pescadores, em cada aldeia, vila ou cidade, devem desde já reunir-se, discutir e decidir da acção a emprender, das formas

que ela deve tomar, do local onde deve realizar-se.

Delegações aos patrões, concentrações nas gerências, paralisações de trabalho, assembleias nos Sindicatos, concentrações nas praças públicas, manifestações de rua, por toda a parte onde as condições e a vontade das massas o permitam, gritemos bem alto: queremos aumento de salários e jornais! Abaixo a vida cara! Paz em Angola, Moçambique e Guiné! Liberdade para os presos políticos! Nem um só preso para fora do continente! Amnistia! O Partido Comunista Português saudá-vos pelas vossas lutas passadas, pela vossa unidade combativa e firme, pelas vossas acções no próximo 1º de Maio. Convosco gritamos:

VIVA A LIBERDADE, A DEMOCRACIA E A PAZ!
ABAIXO O FASCISMO!

VIVA O 1º DE MAIO!

Março de 1967

A Comissão Executiva do Comité Central
do Partido Comunista Português

«Queremos os nossos salários!»

Reclamaram as 1.000 operárias da FEX

No dia 13 de Janeiro, como todas as 6^{as}. feiras, às 17,30, as 1.000 operárias da FEX dirigiram-se ao escritório para receber o salário, apesar de, na véspera, a gerência desta empresa americana ter feito correr a notícia de que não haveria pagamento nesse dia.

Diante do escritório fechado, começaram a erguer-se os primeiros protestos das operárias que iam chegando. A medida que a concentração engrossou, um onda de indignação cresceu indomável: «Que-

remos o nosso dinheiro! Queremos os nossos salários! Bandidos! Gafunhos! Ladrões!», gritavam iradas as 1.000 operárias da FEX.

Ao mesmo tempo, para além dos portões da fábrica, outra concentração massiva se ia formando: era o povo que acorria, não só para observar, mas também para apoiar a luta.

Barricando-se no escritório, gerentes e funcionários superiores, aparentemente impassíveis, saíram depressa do seu torpôr para chamar as forças repressivas. Com a chegada da GNR, recrudescceu o clamor de protestos e a combatividade das operárias.

Para isolar as trabalhadoras do povo, os guardas fecharam os portões da fábrica tentando aterrorizá-las. E quando, de dentro do escritório, um gerente berrou: «Escutem, tenham calma», a resposta das operárias surgiu pronta: «Não escutamos nada, queremos o nosso dinheiro». Enfurecido, o mesmo gerente vociferou: «Calem-se que me dói a cabeça». Mas já as operárias replicavam, num novo clamor: «E a nós dói-nos o estômago!» «Queremos os salários! Queremos o dinheiro!», acrescentando, no auge da indignação: «Se não pagam, isto vai pelos ares!».

Com pontapés e empurrões vigorosos, as operárias tentam abrir a porta do escritório. A GNR intimidava-as com gestos desabridos e ameaças, apontando o canhão. Num

(continua na pág. 2)

Povo de Lisboa! Protestai contra o aumento do preço dos transportes

Notícias de última hora mas de um revoltante significado. O governo fascista, os dirigentes da Câmara Municipal, lacaios submissos do imperialismo estrangeiro, acederam às exigências dos capitalistas ingleses, às imposições da CARRIS. Os preços dos transportes urbanos foram aumentados. A principal vilma desta nova medida do governo é a classe operária, é o povo trabalhador de Lisboa. São eles que vão pagar os novos lucros dos lordes ingleses, instalados em Londres.

Esta nova medida contra os baixos salários dos trabalhadores não pode ficar sem resposta.

Povo de Lisboa! Organizai os vossos protestos contra o novo aumento! Concentrai-vos em massa diante da Câmara Municipal e da CARRIS. Gritai a vossa indignação contra os monopolistas ingleses e seus lacaios. Protestai por todos os meios ao vosso alcance. Protestai colectivamente e com coragem!

Mais acções de protesto CONTRA A BASE AÉREA DE BEJA

O povo de Beja testemunhou já a sua hostilidade à ocupação da base aérea pelas tropas alemãs. As vedações de arame farpado foram várias vezes cortadas. O acto repetido-se por cada vez que as autoridades da base a procuraram reparar. Surgiram as primeiras inscrições contra a soldadesca germânica. «Fora com os alemães», «abaixo o militarismo alemão». Em Beja a hostilidade e o desprezo da população são evidentes. A cólera sobe, mas deve subir muito mais. A base aérea é uma afronta à independência nacional. É uma ameaça à paz do mundo. É uma forma de apoio dos militaristas de Bona ao governo de Salazar. A base aérea de Beja põe em risco a vida e os haveres do povo alentejano. Os aviões supersónicos «Starfighters» têm sido a causa de inúmeros acidentes mortais na Alemanha Ocidental.

Povo português! Intensificai a luta contra a base aérea de Beja e contra as bases estrangeiras instaladas no nosso país.

Povo de Beja! Reforçai a acção contra a soldadesca alemã.

Levai a cabo novos actos de hostilidade. Isolai os alemães do vosso convívio. Fazei novas inscrições. Protestai contra a presença dos alemães, através de cartas, postais e telefonemas. Exigi o pagamento pelos danos que possam causar-vos.

A base aérea de Beja é um trampolim de guerra nas mãos dos militaristas de Bona.

Reforçai a vossa luta contra a base alemã de Beja.

AS ASTRONÓMICAS DESPESAS MILITARES

Provocam o agravamento das condições de vida

A guerra colonial contra os povos de Angola, Moçambique e Guiné alarga-se e aprofunda-se provocando o dispêndio de somas em dinheiro cada vez maiores; os compromissos anti-nacionais ao abrigo do Pacto do Atlântico, assim como com a construção de bases militares estrangeiras em território nacional obrigam a despesas incompressíveis, custando só no ano em curso cerca de um milhão de contos; as forças repressivas para defenderem o domínio político e os super-lucros dos monopólios aumentam constantemente, prevenindo-se uma despesa de cerca de 600 mil contos, em 1967.

Para fazer face a tais despesas, Salazar e os seus ministros forjam um novo imposto, chamado de guerra, que cairá principalmente sobre os ombros dos trabalhadores.

A fabricação de materiais de guerra é uma actividade improdutiva, em que se consomem somas fabulosas destinadas à destruição, gastas em pura perda para a renda nacional e para o bem-estar do povo. São assim muitos milhões de contos roubados ao povo português todos os anos para esbanjar improdutivamente. Os monopólios, porém, arrecadam lucros acrescidos com as suas negociatas da morte. É ver como os Melos da CUF, os Cupertino de Miranda, os Espírito Santo, os Fonseca e Burnay, os Champalimaud, etc., acumulam fortunas fabulosas.

Uma tal situação não poderá deixar de agravar a inflação que

se vem processando há anos a esta parte e que num futuro próximo poderá dar lugar a um voo inflacionista difícil de parar. A desvalorização da moeda será inevitável a curto prazo. Com isso os monopólios farão negociatas lucrativas, mas as condições de vida das massas trabalhadoras serão ainda mais agravadas se estas não se levantarem prontamente para reivindicar aumento de salários com escala móvel compatível com o aumento do custo de vida e por uma mudança de regime e de governo.

O turismo e a emigração nas condições em que se processam não resolverão as dificuldades económicas e financeiras do país, pelo contrário, poderão mesmo agravá-las ainda mais. A sangria dos homens mais capazes para o estrangeiro em procura do pão que lhes é negado na Pátria, é profundamente nefasta para a economia nacional.

Em muitas regiões do Algarve, por exemplo, o desenvolvimento do turismo sem planos cientificamente definidos provocou a subida em flecha de tudo o que é necessário à vida. As divisas deixadas pelos turistas e enviadas pelos emigrantes poderão, em certa medida, ajudar temporariamente a camarilha salazarista a resolver as suas dificuldades, provocadas em boa parte pela guerra colonial. Resta, porém, saber se será vantajoso para o país a maneira como se vem desenvolvendo a indústria turística em Portugal. Para já, importa-se muito do estrangeiro para alimentar os turis-

tas, retira-se muito do que faz falta ao povo português para o mesmo fim e dispendem-se milhões na construção de hotéis de luxo, quando não há créditos para desenvolver a agricultura nacional, as indústrias básicas em moldes nacionais, para dar ao País a rede de comunicações de que está precisado.

Naturalmente que se a terra e a indústria portuguesas estivessem a produzir o suficiente para satisfazer as principais necessidades do povo português e restassem ainda saldos substanciais, o problema já seria diferente. Mas importando-se anualmente produtos alimentares no valor de cerca de 5 milhões de contos, pelo contrário, a situação agravar-se-á, os preços dos produtos de primeira necessidade e as rendas de casa continuarão a subir.

Esta situação coloca ante a classe operária e restantes trabalhadores da cidade e do campo a necessidade inadiável de se unirem, de se organizarem e de lutarem massivamente pelas suas reivindicações de classe. No momento presente trata-se antes de tudo de organizar a luta pela elevação geral dos salários e pela redução dos preços dos artigos de amplo consumo e das rendas de casa. Que nenhum novo imposto sobre os salários dos trabalhadores, sobre os ganhos dos camponeses e sobre os proventos de largos sectores das classes médias seja tolerado.

«QUEREMOS OS NOSSOS SALÁRIOS!»

(continuação da pág. 1)

coro de vozes, as valentes operárias responderam com força: «Se vai uma presa, vai tudo!» E, imediatamente, grupos de mulheres cercaram as portas traseiras dos escritórios, impedindo os gerentes de se escaparem por ali.

Encurralados, os gerentes prometeram pagar na 3ª feira seguinte, mas as operárias recusaram num clamor de protestos. Prometeram pagar na 2ª, mas nova recusa, novos protestos. Finalmente, perante a firme determinação das operárias, a gerência comprometeu-se a pagar no sábado, dia seguinte, e a GNR responsabilizou-se pelo cumprimento desta promessa. As operárias concordaram então, não sem decidirem que realizariam uma marcha de protesto ao posto da guarda se o prometido não fosse cumprido. E no dia seguinte, as operárias receberam os seus salários.

Foi uma corajosa luta e foi uma grande vitória. Operárias da FEX! O «Avante!», saúda-vos pelo vosso digno exemplo de unidade e firmeza proletária. Com o mesmo espírito, com essa mesma decisão e combatividade, prossegui a luta contra os castigos, contra os ritmos infernais de trabalho, contra toda a exploração patronal, por aumento geral de salários, contra os exploradores estrangeiros,

EUCALIPTOS EM VEZ DE PÃO

O problema do pão é um dos grandes problemas nacionais que os sucessivos governos de Salazar não têm sido capazes de resolver. Há anos em que mais de metade do trigo necessário para o consumo nacional é importado e, no

entanto, a camarilha salazarista em vez de fomentar a produção de trigo fomenta a produção de eucaliptos para fornecer matéria-prima a baixo preço aos monopólios da celulose.

Salazar hesita em aumentar di-

rectamente o preço do pão por recetar uma explosão de descontentamento popular. Mas, que ninguém tenha ilusões: o governo, os grandes agrários e o monopólio de moagem e de importação do trigo monobram em conjunto para aumentar o preço do pão. Esperam apenas a melhor oportunidade para o fazerem.

Por sua vez, a Corporação da Lavoura manobra para aumentar o preço da batata a fim de, diz «patrioticamente», acabar com a importação.

Os pequenos e médios lavradores tiveram de vender cedo a batata a preços baixos, ruinosos, enquanto os grandes armazenavam a sua, talvez à custa dos dinheiros extorquidos aos pequenos através das cotizações obrigatórias e de taxas várias. Sob o pretexto de que havia pouca batata recorreu-se à importação e o seu preço foi subindo até atingir 2\$60 o quilo. Então, «patrioticamente», a Corporação da Lavoura reclama o aumento do preço da batata armazenada, a dos grandes, claro está, «para se acabar com a importação».

Tamém o vinho começa a subir directa e indirectamente depois dos (continua na pág. 5)

O V aniversário de Rádio Portugal Livre

A 12 de Março de 1962, há precisamente 5 anos, a Rádio Portugal Livre lançou para o ar a sua primeira emissão. Depois dessa data, dia após dia, com uma persistência que não mede sacrifícios, a voz do Partido Comunista Português não mais deixou de se ouvir. Denuncia a política de traição nacional dos monopólios capitalistas e do governo. Desmascara a bestialidade da guerra colonial e os interesses que a determina. Serve os camponeses e a juventude. Luta pelos seus direitos. Trabalha firmemente pela defesa dos interesses da classe operária e do povo. Conduz uma acção de esclarecimento e de reforço em favor da Unidade das forças democráticas e patrióticas. Denuncia os crimes da PIDE. Luta pela libertação dos presos políticos,

A Rádio Portugal Livre guia, educa, estimula os trabalhadores nas suas lutas. Forma quadros novos para a acção. Milhares e milhares de portugueses escutam diariamente as suas emissões e através delas a voz autorizada do Partido Comunista Português.

A acção da R.P.L. deve estar presente na actividade dos militantes comunistas, dos trabalhadores de vanguarda, na acção diária das massas populares.

À sua equipa de locutores e de redactores, a todos quantos dia e noite trabalham e velam pelo funcionamento da nossa Rádio, o «AVANTE!» saúda com efusiva simpatia e com justificada amizade. Por novos êxitos, camaradas, no vosso importante posto de luta,

na Trefilaria de Sacavém os operários lutam e vencem

Allegando falta de encomendas, o patronato procurou reduzir a semana de trabalho para 5 dias. O descontentamento e a indignação cresceram rapidamente entre os operários, que decidiram parar o trabalho e fazer uma concentração junto da gerência.

Invadindo o gabinete do gerente do pessoal, os operários exigiram os 6 dias de trabalho e aumento de salário. «Vamos acabar com a conversa, aí não se aprende nada, estamos fartos de palavrinhas doces», assim replicaram os operários aos argumentos do gerente que tentava dissuadi-los de prosseguirem a luta.

A concentração crescia e com ela a firmeza dos operários. O director viu-se obrigado a receber uma comissão. Os mais próximos da porta avançaram, apoiados pelos gritos dos companheiros que lhes recomendavam firmeza.

Desta concentração, que durou 90 minutos e reuniu mais de uma centena de operários, resultou a retirada do mapa de actividades afixado, que estabelecia os 5 dias de trabalho. Mas os 6 dias não eram garantidos pelo director.

Por isso, nos dias seguintes, protestando sempre, os operários passaram ao trabalho lento em muitas máquinas e elegeram uma comissão que exigiu, com redobrada insistência, a satisfação das reivindicações apresentadas.

cações apresentadas.

Uma comissão de operários foi enviada ao I.N.T..

Dias depois, o director chamava a comissão de unidade para informar que a ideia dos 5 dias fora posta de parte, prometendo aumento de salários.

Por determinação dos operários, a comissão de unidade insistiu repetidamente junto do director pela concretização da promessa do aumento. Da última vez, os operários paravam as máquinas enquanto a comissão se dirigia ao director.

Finalmente, graças à sua firmeza e combatividade, os operários da Trefilaria alcançaram um aumento geral de 8\$00 por dia.

Grande lição e grande sucesso da luta dos trabalhadores! Seguindo o exemplo dos operários da Trefilaria, avançando corajosamente, combatendo de forma organizada e unida, a classe operária abre o caminho para a sua emancipação e para o derrubamento do fascismo.

O «AVANTE!» NÃO SE DESTROI

O «AVANTE!» deve chegar tão longe quanto possível. Enviai-o pelo correio, abandonai-o num lugar propício, entregai-o a um amigo de confiança. Fazei-o circular.

MARINHEIROS E SOLDADOS lutam contra os altos comandos fascistas

Os 500 marinheiros do Arsenal da Marinha fizeram um levantamento de rancho para protestar contra o mau estado da pescada que lhes serviam.

«Ninguém come isto! Isto não está em condições!», tal foi o grito indignado dos marinheiros, logo que se sentaram à mesa.

Chamado pelo oficial de dia, o médico de serviço apareceu à paisana. Quando declarou que em casa comia pescada muitas vezes em piores condições, os marinheiros, sem se deixarem iludir, num clamor de vozes responderam que há mais miséria nas suas casas e, no entanto, pescada naquele estado nem aos cães a davam!

E, numa bela demonstração de unidade e firmeza, os marinheiros do Arsenal da Marinha mantiveram a recusa de não comer a pescada.

Em Tancos, o famigerado capitão Mota Carmo, preparava-se para castigar cerca de 700 homens, soldados da polícia aérea e adidos à aviação, com um corte de cabelo humilhante a pretexto de ter encontrado falta de aseo numa revista à caserna. Cem soldados, dos mais novos, foram chamados para se submeterem ao castigo. Porém, no momento em que os primeiros se iam sentar, um coro de vozes indignadas dos 700 homens estalou na retaguarda. «Ninguém corta o cabelo! Ninguém consente que lhe mexam na cabeça!»

Fugindo diante dos clamores

dos soldados, o capitão Carmo foi a correr pedir ajuda ao comandante. Como não a tivesse obtido, perante a firmeza dos soldados, o corte de cabelo foi anulado e o cap. Carmo, furioso, meteu-se no automóvel com a mulher e o filho, mas a poucos quilómetros de distância uma roda saltava-lhe do carro. Ao terem conhecimento do acidente, os soldados comentavam: «Eles esquecem-se que a malta é que trata dos carros»...

FRENTE DA JUVENTUDE

PENÚRIA DO ENSINO

Quando, no ano passado, os alunos do 3º ano de Química do Instituto Industrial de Lisboa resolveram deixar de pagar o material deteriorado durante a actividade normal dos Laboratórios da respectiva secção, a direcção do Instituto apressou-se a lançar mão de nova disposição arbitrária: obrigou os estudantes, mesmo os que estavam isentos do pagamento de propinas, a pagar uma sobretaxa de 50\$00. Só no momento da matrícula, a grande maioria dos estudantes verificou, surpreendida, que sem a entrega daquele dinheiro a matrícula não seria efectuada.

Justamente indignados, tal como

O regime fascista não se liberaliza reforça o aparelho de estado

Certos democratas afirmam que o regime fascista se vai liberalizar. Mas o que se verifica na realidade?

Não se liberaliza um regime que fecha cada vez mais as portas da vida política à participação dos democratas, que reforça o monopólio do partido único, aperta a acção da Censura à imprensa, ao livro, à actividade intelectual, pela criação da Censura paralela.

Pode conceber-se a liberalização do regime fascista que além da interdição dos partidos democráticos e das liberdades fundamentais intensifica a vigilância e a acção policial em todo o país?

Criam-se e treinam-se novas forças de choque e de assalto, enquanto a PIDE, GNR, PSP, PVT, Legião Portuguesa, agem em escala crescente, procedendo a um controle sistemático cada vez mais intenso da vida nacional, que se manifesta através dos «auto-stopes», de buscas massivas, com o objectivo de adestrar o aparelho de repressão da ditadura, para fazer frente ao descontentamento e à onda de revolta que pode estalar.

Liberaliza-se o regime fascista que dificulta e persegue as actividades culturais e recreativas de feição progressiva, interdita livros de Escritores ou impõe aos jornais que façam silêncio sobre eles?

É uma prova de liberalização do regime o encerramento da Sociedade de Escritores e a prisão de vários intelectuais?

Nos últimos tempos agravaram-se os processos de tortura contra os presos políticos nos antros da PIDE e nos cárceres fascistas e com estes a ameaça da deportação para as colónias.

Existe qualquer forma de liberalização do regime nas fábricas, nos campos, nas universidades, nos quartéis, onde a vigilância policial cresce?

Não se liberaliza um regime que reforça cada vez mais o seu aparelho repressivo e militar, que decreta a pena de morte para os soldados, prolonga o tempo de serviço nas forças armadas, mobiliza as mulheres para o exército, embora a título voluntário, prepara a participação obrigatória da juventude na milícia fascista, concede à Mocidade Portuguesa direito de controle sobre as actividades circum-escolares.

A nomeação do sinistro director da PIDE, Silva Pais e do inspector da mesma polícia, Jorge Ferreira para cargos de direcção das Actividades Económicas não se integra em actos de liberalização do regime, mas num conjunto de medidas do governo tendentes à militarização da vida nacional, a um mais apertado controle do seu aparelho repressivo, para que se processe a política em favor dos monopólios e da guerra colonial.

Estas medidas não deterão o avanço das lutas populares nem evitarão o derrubamento do fascismo e o triunfo da Democracia.

Mas não podemos criar ilusões quanto à natureza do regime e ao duro e difícil caminho que temos de seguir para alcançar a vitória.

ACÇÃO UNITÁRIA EM VEZ DE IMOBILISMO POLÍTICO

O fascismo manobra, age de maneira premeditada para dividir as forças democráticas, para reduzir os efeitos da crise que o atormenta e das contradições que o minam. Age para evitar a luta e unidade da classe operária e das massas populares, porque sabe que nelas reside o factor da sua derrota.

Homens dos monopólios, comprometidos por anos sucessivos de governação salazarista, surgem como possíveis «liberalizadores» do regime. Os seus nomes aparecem nos conselhos de administração das grandes companhias capitalistas nacionais e estrangeiras.

(continua na pág. 4)

lutas e problemas dos jovens

os seus colegas da Faculdade de Engenharia do Porto que saíram vitoriosos da sua greve, os estudantes do Instituto Industrial de Lisboa não deixarão de encontrar as apropriadas formas de protesto até que sejam respeitados os seus direitos.

OS ESTUDANTES CONTRA A CENSURA

De batina fechada até acima, em sinal de luto, os estudantes liceais de Vila Real iniciaram assim a sua tradicional festa do dia 1º de Dezembro, em cortejo silencioso pelas ruas da cidade.

A peça por eles escrita, para ser representada nessa noite, fora pura e simplesmente proibida, sem

quaisquer explicações.

À noite, porém, a uma assistência que enchia por completo a sala, os estudantes garantiram que o espectáculo se faria da maneira possível, facultando, no entanto, a restituição do dinheiro dos bilhetes a que quisesse sair. Como ninguém abandonasse a sala, os estudantes iniciaram o espectáculo. Só por gestos e abrindo a boca sem emitirem um som, os estudantes representaram mimicamente a sua peça. Os ditos surgiam, sim, mas da plateia, duma assistência delirantemente entusiasmada.

O «recital» de poesias que se seguiu decorreu do mesmo modo. Só era pronunciado o nome do (continua na pág. 4)

Trabalhadores! Reforçai a luta por aumento de salários

OS TRABALHADORES CONQUISTAM MELHORES SALÁRIOS

A organização é uma arma indispensável da luta dos trabalhadores. Criando comissões de Unidade nas empresas, nos locais de trabalho; organizando comissões sindicais, para a actividade nos sindicatos fascistas, os trabalhadores possuem organismos que articulam a sua acção reivindicativa, a orientam e estimulam.

A composição dessas comissões e o apoio que os trabalhadores lhe levem determinam as possibilidades de êxito da sua acção. Uma comissão composta de homens combativos e fiéis aos interesses dos trabalhadores pode contribuir para a vitória destes.

Uma comissão solidamente apoiada pelos trabalhadores fica ao abrigo da repressão patronal e fascista.

Concentrações de massas junto da gerência, do sindicato e das autoridades, pequenas paralisações de trabalho asseguram não só a defesa de uma comissão de unidade ou de uma comissão sindical, mas o êxito da própria luta.

A organização, a unidade e combatividade determinam o bom resultado de uma luta.

Pela luta insistente na empresa os operários da TUDOR (Castanheira do Ribatejo) conquistaram um aumento de salários de 10\$00. Na Louça de Sacavém, após as acções reivindicativas levadas a cabo, os trabalhadores receberam aumentos de 5\$00 e 8\$00 diários.

Temendo o desenvolvimento da luta dos operários, os grandes capitalistas da Siderurgia Nacional (Seixal) adoptaram o sistema de conceder ínfimos aumentos, que são uma gota de água na miséria dos trabalhadores. Assim o último foi apenas de 4\$00.

TRABALHADORES! ADIANTE NA LUTA!

Sem organização não há lutas. Sem lutas não há vitórias! Assim o compreendem os operários da Cimento Tejo em Alhandra, da CIP na Póvoa de Santa Iria, os operários de cortumes de Alcáçova, os trabalhadores da Sociedade Nacional dos Armadores de Bacalhau, em Cacilhas, da empresa de

construção civil Silva & Silva, de Évora, da empresa metalúrgica Fialhos, da mesma cidade, os operários da Parry & Son em Cacilhas, os operários do Arsenal do Alfeite, da Secheron Portuguesa em Leça do Balio, da LISNAVE, na Margueira (Margem Sul) que vêm conduzindo a luta por aumento de salários, contra a exploração patronal contra as deficientes condições de trabalho, por novos contratos colectivos.

Trabalhadores! Iniciastes importantes lutas reivindicativas. Insisti nelas com firmeza e unidade. Não vos deixeis embalar com promessas. Mais concentrações na gerência e no sindicato. Mais combatividade. Organizai melhor a vossa acção! Criai comissões de unidade! É da vossa luta que dependerá o êxito das vossas justas reivindicações.

OS SINDICATOS SÃO CAMPOS DE LUTA

A experiência das últimas lutas demonstra que a acção nos sindicatos fascistas não está ultrapassada, como afirmam certos «teóricos» distanciados das massas.

Os portuários conduzem uma luta consequente no seu sindicato pela realização do contrato definitivo de trabalho, que devia ter sido assinado em Dezembro último, enquanto os portuários não sindicalizados reclamam a sua sindicalização, com o objectivo de pôr fim a uma situação anormal e desvantajosa para centenas de trabalha-

dores. Utilizando o sindicato, os empregados da imprensa viram atendidas uma série de reivindicações, embora o aumento obtido tenha sido apenas de 10 por cento.

Conduzem lutas reivindicativas nos sindicatos, os empregados bancários e de escritório, os caixeiros, empregados de mesa, motoristas, conserveiros, os fêxteis de lençóis, tendo estes últimos conseguido a assinatura de um novo contrato colectivo, que está longe de satisfazer as suas reivindicações mais prementes e em particular a de aumento de salários.

O sindicato é um campo de luta dos trabalhadores. Mas a empresa é o ponto central da sua acção. Aí se deve reforçar a luta. Aí se devem desenvolver os esforços fundamentais dos trabalhadores.

Lutando consequentemente, lutando com firmeza, lutando com unidade os trabalhadores assegurarão a satisfação das suas mais prementes reivindicações.

NOVAS LUTAS DOS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS

Fase de fainas agrícolas, fase de lutas por melhores salários. Em Montemor-o-Novo, durante o período da apanha da azeitona, os trabalhadores conquistaram jornas de 40\$00 para os homens e de 24\$00 para as mulheres. Na Herdade do Vidigel e nas propriedades do José Felício os ranchos alcançaram salários semelhantes, pela sua luta e unidade.

EUGALIPTOS EM VEZ DE PÃO

(continuação da pág. 2)

pequenos e médios produtores terem sido obrigados a desfazer-se do seu por qualquer preço. Com uma colheita desastrosa em 1966, será a ruína completa de mais alguns pequenos e médios vinicultores, enquanto os grandes estão auferindo lucros chorudos com a venda do vinho próprio e do dos pequenos e médios, armazenado em bom tempo.

O deficientíssimo abastecimento de carne, em particular à cidade de Lisboa, é velho de dezenas de anos e também nunca os governos sucessivos de Salazar foram capazes de criar condições necessárias para o resolver satisfatoriamente.

As negociações escandalosas dos apaniguados do regime feitas à sombra das importações maciças de carne a preços mais elevados do que os que se pagavam pela produção nacional são bem conhecidas, como bem conhecida é a política de preços políticos seguida através de dezenas de anos para propiciar aos monopólios o enriquecimento rápido. Os monopólios enriqueceram, mas a agricultura nacional foi arruinada e, por isso, impedida de produzir a carne necessária ao consumo do povo português. E assim, a carne falta de norte a sul do país, os preços são cada vez mais altos e o consumidor não sabe nunca se compra carne de vitela ou de burro, de vaca ou de mula.

À ofensiva dos monopólios e do governo de Salazar contra o já baixo nível de vida do proletariado, este deve responder com uma ofensiva, nas fábricas e oficinas, nos portos e nas minas, nos campos, nos sindicatos e nas casas do

povo, nas ruas, junto das autoridades governamentais e administrativas, por aumento geral de salários e para barrar o caminho à subida do custo de vida.

Será também através da luta massiva e organizada pela redução dos impostos e dos preços dos produtos industriais necessários à lavoura, por preços compensadores para os produtos agrícolas, por crédito barato a médio e longo prazo, contra o colete de forças da organização corporativa, pelo direito a comercializarem os seus produtos e de acordarem directamente com o comércio retalhista a sua venda será, em resumo, pela luta, que os pequenos e médios camponeses poderão defender os seus interesses.

Aliados, a classe operária e os camponeses pequenos e médios, poderão conduzir vitoriosamente a luta comum pelos seus interesses recíprocos e criar todas as condições para a união de todo o que Portugal tem de são e progressivo, união combativa indispensável para bater e derrubar o poder dos monopólios e dos grandes agrários ligados ao capital estrangeiro e implantar um regime verdadeiramente democrático, capaz de resolver todos os grandes problemas nacionais.

Sem destruímos as causas da nossa miséria e ruína, a situação não parará de se agravar. Acreditar nas promessas do governo de Salazar, é aceitar passivamente a miséria e a ruína completas. Unamo-nos, pois, na acção para criarmos as condições que não de derrubar e destruir a ditadura fascista de Salazar e instaurar a democracia em Portugal.

SALVEMOS CARLOS ABOÍM INGLÊS Defendamos a vida dos presos políticos

Nas prisões fascistas praticam-se os métodos da morte lenta. Por isso a vida de Carlos Aboim Inglês está em perigo. Uma infecção pulmonar, acompanhada de lesões na coluna vertebral e de padecimentos do coração ameaçam a sua vida.

Durante ano e meio, as autoridades fascistas deixaram agravar o seu estado de saúde, sem que qualquer medida concreta fosse tomada, incluindo a da consulta a um médico particular e da sua confiança.

Transferido para o hospital prisão de Caxias, Carlos Aboim Inglês não tem aí as necessárias condições de tratamento.

Desenvolvamos uma rápida e eficiente campanha para que Carlos Aboim Inglês seja transferido para um estabelecimento hospitalar condigno, para que seja libertado sem demora. Ele está prestes a concluir a sua pena de oito anos de prisão.

Na sinistra Fortaleza de Peniche, onde na prática não existe assistência médica continua a agravar-se o estado de saúde dos presos. Alguns deles, como Agostinho Saboga e Augusto Lindolfo, já terminaram as suas penas. José Carlos, sofrendo de uma infecção nos pulmões foi castigado com 15

dias de segredo por reclamar tratamento para a sua doença. Tomam características mais graves as perturbações nervosas de que sofre Afonso Gregório. Dias Lourenço vê acentuar-se a enfermidade renal de que padece, sem que tenha recebido até agora o tratamento clínico necessário. Blanqui Teixeira continua doente em condições semelhantes. Pedro Nunes Gonçalves, sofrendo dos pulmões e dos intestinos, não tem sequer dieta. Sousa Duarte, com uma grave enfermidade no fígado, que o força a estar de cama, permanece isolado e sem assistência médica.

No Forte de Caxias Sofia Ferreira continua enferma, sem que entretanto as autoridades fascistas a libertem, apesar de ter terminado a condenação. Acentua-se o estado de doença de Fernanda Tomás, Maria Alda Nogueira, Albina Fernandes, Natália David e de outras presas políticas.

Em Portugal intensifica-se a luta pela libertação dos presos políticos.

À escala internacional, na União Soviética, Checoslováquia, Itália, França, Inglaterra, em vários países da América Latina reforça-se a acção contra as medidas de segurança contra o terror fascista.

Os Estados Unidos Impõem A CONTINUAÇÃO DA GUERRA Maior auxílio ao povo do Vietnam

Testemunhando todo o cinismo e brutalidade dos círculos governantes americanos, o general Curtis Lemay, antigo chefe do Exército do Ar e do Comando Aéreo Estratégico afirmava recentemente, falando da guerra do Vietnam: «A solução reside na intensificação dos bombardeamentos, na eliminação do Porto de Haiphong, na destruição sistemática e contínua, enquanto subsistirem ainda dois tijolos, um sobre o outro, de tudo o que foi construído pelo homem no Vietnam do Norte.» E perguntava, seguindo a lógica da criminoso acção do imperialismo americano: «Sim, porque no fim de contas, o que há realmente para negociar?».

A classe operária e o povo de Portugal devem erguer-se contra a bárbara agressão americana ao Vietnam.

Sob o fogo da metralha, o povo vietnamita tem testemunhado a sua solidariedade aos trabalhadores portugueses em luta, aos patriotas encarcerados.

Solidariedade militante ao povo do Vietnam! Esta palavra de ordem deve inscrever-se na vida diária dos trabalhadores. Solidariedade

que se transforme em recolha de fundos, nas fábricas, nos campos, nas universidades. Solidariedade que se patentei na hostilidade declarada aos representantes diplomáticos dos Estados Unidos, aos marinheiros, oficiais e jovens estudantes que visitem o nosso país. Solidariedade que se manifeste no envio de cartas, abaixo-assinados, postais, telefonemas, à embaixada americana em Lisboa. Solidariedade em milhares de inscrições no asfalto das estradas, nos muros das fábricas e dos caminhos, nas paredes das aldeias e vilas de Portugal. Solidariedade dos nossos intelectuais, em documentos que os irmanem com os intelectuais de outros países, de várias tendências e credos.

AS ELEIÇÕES EM FRANÇA E o êxito do P. Comunista Francês

À hora do «Avante!» entrar no prelo, os resultados já conhecidos do primeiro escrutínio das eleições em França permitem-nos avaliar a vitória obtida pelo Partido Comunista Francês e pelas

forças de Esquerda. Os comunistas viram crescer o número de eleitores em 1 milhão e 26 mil, comparativamente a 1962, totalizando 5 milhões 29 mil 808 o total de votantes do Partido Comunista.

A Federação das Esquerdas, que estabeleceu um pacto eleitoral com o Partido Comunista Francês, obteve 4 milhões 207 mil votos, ultrapassando em conjunto com votos comunistas, o número total dos eleitores degaullistas que foi de 8 milhões 453 mil.

O êxito registado pelo Partido Comunista Francês testemunha a justeza da sua linha política e a sua crescente influência entre a classe operária e o povo da França, de que é o mais esforçado defensor.

de um antigo acordo entre Portugal e a China».

Conhecemos a essência do acordo estabelecido com os representantes do colonialismo português, instalado em Macau. E não podemos deixar de perguntar:

Como se explica a posição do governo da República Popular da China e do grupo dirigente de Mao Tsé Tung, em face das autoridades salazaristas, que assassinaram no passado mês de Dezembro oito cidadãos chineses; feriram dezenas de outros e prenderam centenas?

É singularmente expressiva a posição do grupo dirigente de Mao Tsé Tung. Ao mesmo tempo que se recusa a estabelecer acordos com a União Soviética e os outros países socialistas para uma ajuda concertada ao Vietnam e repudia a participação com a URSS numa frente anti-imperialista, chega a acordo com os representantes do governo de Salazar, que domina pela repressão colonialista a península chinesa de Macau e leva a cabo uma guerra colonial criminosa contra os povos de Angola, Guiné e Moçambique.

A atitude do governo de Pequim em face do colonialismo português e do caso concreto de Macau mostra até onde conduzem as posições «esquerdistas», as afirmações «revolucionárias».

De degrau em degrau, o grupo de Mao Tsé Tung, renuncia ao marxismo-leninismo, trai os seus princípios fundamentais, persegue, acusa, difama da forma mais grosseira os que se opõem à sua política e acaba por encontrar o modo de convívio e de acordo com o colonialismo português, que oprime e martiriza a população chinesa de Macau em condições que o ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal classificou de «cordeais e a seu contento».

Mensagem dirigida às mulheres portuguesas POR EUGÉNIE COTTON

Presidente da Federação Democrática Internacional das Mulheres

Queridas Irmãs de Portugal: Porque quisestes para todos a plena justiça e a plena liberdade, fostes arbitrariamente privadas «por razões ditas de segurança», de toda a justiça e de toda a liberdade.

Julgaram parar a vossa acção encarcerando-vos. Mas longe de vos isolarem, tornaram-vos conhecidas por milhões de homens e mulheres do mundo inteiro, por mulheres que vêm comigo dizer-vos: «Coragem e confiança, queridas Amigas», somos muitas que estamos convosco e lutamos por vós em numerosos países para que reencontreis os vossos entes queridos e para que as vossas mais sentidas ambições sejam realizadas.

A voz ascendente dos justos portestes sempre acabou por se fazer ouvir e vós tendes visto que

ela conseguiu libertar vários dos vossos compatriotas. Nós multiplicaremos as nossas acções, queridas Irmãs, e, com o impulso da nossa amizade e solidariedade, as portas das vossas prisões abrir-se-ão para vós, como para eles se abriram.

E. Cotton

8 DE MARÇO | Jornada Internacional da Mulher

Em todo o mundo, é o dia consagrado à Mulher, aos seus direitos fundamentais de ser humano, de mãe, de trabalhadora. Dia festivo nos países socialistas. Dia de luta para os povos que ainda não conquistaram a Liberdade.

Em Portugal, é o dia das combatentes anti-fascistas, particularmente daquelas que perderam a liberdade na sua heróica luta; das mulheres que, nas fábricas e em todos os locais de trabalho lutam contra a exploração e o fascismo; das mães que vêm morrer os seus filhos sem pão ou na voragem das guerras coloniais; das mulheres que lutam contra a repressão, pela Amnistia, pela Liberdade, pela Paz. Dia que lembra a todas as lutadoras anti-fascistas a necessidade de intensificarem as suas acções unidas para combaterem vitoriosamente o fascismo, integradas na luta geral do povo português.

Num momento em que o fascismo faz crescer a miséria nos lares dos trabalhadores, em que diariamente há mães portuguesas que choram a morte dos seus filhos, vítimas nas criminosas guerras coloniais; num momento em que a camarilha governante se apronta, através do voluntariado feminino, a mobilizar as mulheres para as guerras de genocídio em África, as acções unidas e organizadas contra o aumento do custo de vida, por aumento de salários, contra as guerras coloniais e contra a repressão, são tarefas imediatas que esta data histórica lembra presentemente às mulheres portuguesas.

Ao longo da ditadura fascista, não têm faltado lutadoras abnegadas nem combates tenazes, de que o povo português se pode orgulhar, contra a opres-

são e a miséria no nosso país.

Nesta Jornada Internacional da Mulher, saudamos em Sofia Ferreira, encarcerada na Fortaleza de Caxias, onde já viveu 10 anos da sua vida, a coragem e firmeza das militantes anti-fascistas que dedicaram todas as suas energias à causa da libertação do povo português. Nas conserveiras do Algarve, que acabam de fazer uma greve vitoriosa de 7 dias e 2 paralisações de trabalho das operárias da Fex, de Alhos Vedros, saudamos o exemplo de unidade combativa na luta contra a exploração patronal e a repressão salazarista. Em milhares de mulheres portuguesas, que em numerosas manifestações populares já gritaram o seu ódio às guerras coloniais e os seus anseios de Paz, saudamos os nobres sentimentos patrióticos e anti-colonialistas das mulheres portuguesas.

Nesta Jornada Internacional da Mulher, não esqueçamos as mulheres que em todo o mundo lutam corajosamente pela Democracia, pela Paz e pelo Socialismo, saudando com particular emoção as gloriosas mulheres vietnamitas. Estão no nosso coração e queremos saudar todas as mulheres que, como as soviéticas, checoslovacas, búlgaras, francesas, italianas, inglesas, sul-americanas e tantas outras, em todos os cantos do mundo, apoiam a nossa dura luta com a sua ajuda solidária e amizade fraternal.

Unidade das mulheres portuguesas contra o fascismo e as guerras coloniais! Unidade das mulheres do mundo inteiro contra o imperialismo agressor, pela Liberdade, pela Paz! Tal é a urgente tarefa que nos coloca esta Jornada Internacional das Mulheres.

SAUDAÇÃO DAS MULHERES E DOS PIONEIROS SOVIÉTICOS

Enviou saudações às mulheres portuguesas no dia 8 de Março o Comité das Mulheres Soviéticas. As operárias têxteis soviéticas saudaram nesse dia as suas camaradas, as operárias têxteis portuguesas, reafirmando-lhe a sua solidariedade.

Os pioneiros do CLUBE DA AMIZADE DE MOSCOVO não esqueceram as presas políticas: «Enviámos as nossas ardentes saudações a SOFIA FERREIRA, MARIA ALDA, FERNANDA TOMÁS, ALBINA FERNANDES, COLÉLIA FERNANDES, NATÁLIA DAVID, heroínas do povo português», afirmando elas na sua mensagem.

A luta das mulheres portuguesas encontra apelo cada vez maior na União Soviética e noutros países.